


Brasil

O dólar à vista fechou em alta de 0,66%, a R\$ 5,4748, nesta terça-feira (2), influenciado pelo avanço da moeda no exterior e pelo início do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro no STF, enquanto na B3 o contrato futuro de primeiro vencimento subiu 0,62%, a R\$ 5,511 por volta das 17h; já o Ibovespa encerrou o pregão em queda de 0,67%, aos 140.335,16 pontos, após máxima de 141.279,12, pressionado pelo viés negativo de Wall Street, por dados que indicam desaceleração da economia brasileira e pelo mesmo fator político, movimentando um volume financeiro de R\$ 19,2 bilhões antes dos ajustes finais.

Açúcar


Os preços do açúcar encerraram a terça-feira (2) em queda nas bolsas de Nova Iorque e Londres, pressionados pelo avanço da produção no Centro-Sul do Brasil e pela desvalorização do real frente ao dólar. Com isso, os contratos em Nova Iorque voltaram a se aproximar da linha dos 16,00 cents por libra-peso, após um pregão de ajustes negativos.

Na Bolsa de Nova Iorque, o contrato outubro/25 caiu 0,22 cent (-1,34%), sendo negociado a 16,15 cents/lbp. O março/26 recuou 0,23 cent (-1,34%), encerrando a 16,78 cents/lbp. Já o maio/26 perdeu 0,19 cent (-1,14%), a 16,52 cents/lbp, enquanto o julho/26 fechou a 16,44 cents/lbp, baixa de 0,14 cent (-0,84%).

Em Londres, o movimento baixista foi ainda mais expressivo. O outubro/25 caiu US\$ 11,10 (-2,21%), cotado a US\$ 491,00 por tonelada. O dezembro/25 recuou US\$ 10,20 (-2,10%), para US\$ 476,10 por tonelada. O março/26 teve queda de US\$ 10,80 (-2,25%), fechando em US\$ 468,60 por tonelada, e o maio/26 perdeu US\$ 11,00 (-2,30%), negociado a US\$ 466,70 por tonelada.

O mercado reagiu ao aumento de 16% na produção de açúcar do Centro-Sul brasileiro na primeira metade de agosto em comparação ao mesmo período do ano passado, com o mix voltado ao adoçante avançando de 49,15% para 55%. Esse cenário tem refletido a preferência das usinas pela fabricação de açúcar em detrimento do etanol, tendência impulsionada por safras mais secas e pela maior atratividade financeira do produto. Além disso, a desvalorização do real frente ao dólar favoreceu as exportações e ampliou a oferta brasileira no mercado internacional, reforçando a pressão sobre as cotações.

Internacional


O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou não estar "nem um pouco preocupado" com a possibilidade de um alinhamento entre China e Rússia contra o país. A declaração foi dada durante participação em um programa, após o presidente chinês, Xi Jinping, receber na última segunda-feira diversos líderes, entre eles o russo Vladimir Putin, em uma cúpula realizada em Tianjin, na China.

Commodities


Os preços internacionais do milho futuro passaram boa parte da quarta-feira (2) em queda na Bolsa de Chicago, acompanhando o movimento negativo de outras commodities agrícolas, mas reverteram o cenário no fechamento e encerraram o pregão em alta. O recuo inicial foi influenciado pelas perdas do trigo e da soja, além do fortalecimento do dólar frente a outras moedas, fator que reduz a competitividade dos grãos norte-americanos no mercado externo.

A virada de direção ocorreu com o suporte dos números de exportação dos Estados Unidos, que mostraram um volume semanal expressivo de embarques. O desempenho acima do registrado no ano anterior reforçou a demanda internacional e deu fôlego às cotações, com destaque para o México como principal comprador, seguido por Japão, Coreia do Sul, Colômbia e Portugal.

No encerramento, os contratos acumularam ganhos em diferentes vencimentos: setembro/25 subiu para US\$ 4,03 (+5 pontos), dezembro/25 avançou para US\$ 4,23 (+2,75 pontos), março/26 atingiu US\$ 4,40 (+3 pontos) e maio/26 chegou a US\$ 4,50 (+3 pontos). Na comparação com o fechamento da segunda-feira (1), as valorizações representaram altas de 1,26%, 0,65%, 0,69% e 0,67%, respectivamente.